Moacyr Scliar

A paixão de colecionar

Mário Quintana, em 1940, fez uma afirmativa perturbadora: "Se as lágrimas das mulheres fecundassem a terra, o mundo estaria cheio de crocodilos"

Em San Francisco, existe um museu surpreendente. É o Ripley Museum, que contém a coleção de Robert Ripley. Nascido em 1893, este homem passou a vida percorrendo o mundo em busca do inusitado, que depois apresentava aos leitores de numerosos jornais e revistas sob forma de um seção ilustrada que tinha o título de Believe it or not (acredite se quiser). O Museu Ripley tem coisas grotescas (tais como um prato feito de crânio humano), mas ele não é o único de seu gênero; em Boston, existe o MOBA, Museum of Bad Art, que pretende ser o antípoda do MoMA de Nova York, o Museum of Modern Art, e que, como diz o nome, só apresenta arte ruim (hoje em dia, como se vê nas chamadas instalações, está difícil diferenciar). Essas coisas correspondem a uma paixão, a paixão de colecionar. Há colecionadores para tudo, sobretudo nos Estados Unidos: colecionadores de caixas de cereais, de pôsteres mostrando peixes, de algemas. Algumas dessas coleções atraem legiões de visitantes.

* * *

Mas há também coleções de bom gosto: de arte, por exemplo. Ou de recordações literárias. É o caso de Eduardo C. de Mello, agente fiscal na Paraíba que nos anos 80 começou a colecionar cheques de um cruzeiro (era a moeda da época; hoje ele coleciona cheques de um real). Eduardo tem cheques de Jorge Amado, de Carlos Drummond de Andrade, de Gilberto Freyre.

Idéia ainda melhor teve a nossa conterrânea Rosa Motta, hoje residente em São Paulo. Há mais de 60 anos, ela comprou um álbum e começou a pedir a vários escritores que escrevessem ali alguma coisa. Rosa tem textos de Erico Verissimo, de Jorge Amado, de Oswald de Andrade, de Monteiro Lobato, de Aníbal Machado, de Mario de Andrade, de Augusto Meyer, desenhos de Fahrion e de Edgar Koetz, um autógrafo de Orson Welles... Mário Quintana escreveu duas vezes; na primeira, em 1940, fez uma afirmativa perturbadora: "Se as lágrimas das mulheres fecundassem a terra, o mundo estaria cheio de crocodilos", sugerindo que o pranto feminino equivale às famosas lágrimas dos crocodilos. Na segunda vez, um ano depois, dedicou uma quadrinha à dona do caderno: "Rainha das flores, Rosa/ o teu nome faz supor/ que sendo assim tão formosa/ também feres, como a flor". Cyro Martins foi sincero - e desamparado: "Sinto muito não saber nenhuma frase bonita para escrever nesse álbum".

O álbum de Rosa Motta não é apenas uma curiosa coleção. É um verdadeiro registro da literatura e da arte no Brasil. O que já basta para colocá-la nas páginas da História.

